

11-01-2023

COMIDA DE QUARTEL

Cyleide Lourenço

[Cozinheira conversadeira. Trabalhadora autônoma]

Gravando... Fui chamada alguns dias atrás por uma freguesa antiga cheia da grana. Ela mora em Ipanema num apartamento com vista para o mar. Já fui lá algumas vezes. É uma velhota simpática, paga bem e me trata bem. A cozinha dela é maravilhosa, cheia de gueri-gueri e tecnologias. Apesar de lá ter alguns problemas eu não dou muita bola: tenho que usar uniforme, entrar pela porta dos fundos e ela não gosta quando eu sento entre uma ação culinária e outra. Não posso dizer o nome dela e logo vocês vão saber porquê. A idosa, de 80 anos (ela se gaba da idade o tempo todo), tem um casal de filhos. O filho é coronel da Polícia Militar em Brasília e a filha tem uma loja de modas no Shopping da Gávea. Cheguei cedo. Logo que cheguei, a sra. X me falou: *“Oi, Cyleide, quanto tempo! Eu voltei de Miami para as eleições. Que bom que você veio. Hoje é aniversário de minha amiga Y. Ela faz 79 anos e vai comemorar no quartel. Vai ter muita gente e quero que você faça várias coisas. Os ingredientes estão todos aí.”* Estranhei a comemoração no quartel, mas fui em frente. Uma de suas empregadas, a W, é muito legal e me ajuda na cozinha. Ela mesma cozinha muito bem, mas quando eu estou lá ela segue a minha voz de comando. O que a dona X pediu foi mais estranho pela quantidade do que pelo cardápio: três empadões de frango e três de palmito; um panelão (desses de cozinha industrial) de cachorro-quente - haja salsicha -; quatro rosbifes; e três bolos de aniversário dos grandes: um de aipim, um de chocolate e um de morango. Confesso que sem a W eu ia me enrolar com a quantidade. Se fosse em condições humanamente razoáveis eu tiraria de letra, mas não era o caso. Lá pelas quatro da tarde dona X começou a me pressionar. *“Cyleide, daqui a pouco a caminhonete vem buscar a comida e nós temos que estar juntas. Quero que você vá comigo p’ra fazer a salada lá no quartel. Vou te dar uma ótima gratificação...”* Levei um susto com o pedido p’ra ir junto, até porque eu já não me aguentava em pé desde 9 horas da manhã sem sentar. Mas quando ela falou em ótima gratificação, eu, dura e endividada com a Caixa, falei: tudo bem. Apesar de não gostar de ainda ter que fazer salada (imaginei logo um batalhão de famintos), pensei que, pelo menos eu ia poder sentar no carro dela. No metrô e no trem eu ainda ia ficar mais uma hora e meia em pé. Capitulei. Quando deu 5 horas da tarde, a dona X chegou na cozinha enrolada numa bandeira do Brasil enorme. Não dava nem p’ra ver o que tinha por baixo da bandeira. Ela estava tão maquiada que quase não a reconheci. Também não entendi o jeito que ela deu no cabelo. O penteado parecia uma metralhadora...

Ela disse: *“A caminhonete chegou. O rapaz vem pegar a comida. Eu trouxe sua roupa, inclusive o lenço da cabeça.”* Caiu minha ficha. Lembrei de Tiana, minha sobrinha, falando dos acampamentos bolsonaristas pedindo uma ditadura militar. Mas aí já era tarde. Inclusive a dona X já tinha pago (ela não gostava de sair com dinheiro). Eu, de camisa da seleção, com um lenço da bandeira brasileira na cabeça, comecei a pensar: meu Deus, imagina se alguém da favela me vê aqui. Controlei meu pânico e rezei p’ra chegar no acampamento. Era em frente ao quartel general do Exército, na Avenida Presidente Vargas, a principal via do centro da cidade do Rio de Janeiro, ao lado da Central do Brasil, terminal de trens. Pensei: pelo menos isso, assim que eu fizer a salada eu fujo daqui, pego meu trem e chegando em casa tomo um banho de sal grosso. Ao chegar no acampamento, no caminho até a barraca onde eu ia fazer a salada, eu assisti a um filme de horror: pessoas ajoelhadas de frente p’ro quartel rezando, outras em fila batendo continência e cantando o hino nacional, algumas chorando e pedindo um golpe militar pelo amor de Deus, outras esbravejando palavras tipo *“esse ladrão filho da puta não vai tomar posse”*. AH! Tinha umas velhinhas apontando a luz do celular para o céu falando umas palavras esquisitas. Confesso que devo agradecer à dona X, pois a camisa da seleção e o lenço na cabeça me possibilitaram andar no meio daquela gente sem ser reconhecida. Se eu estivesse ali com a minha cara lavada eu acho que seria descoberta como eleitora do Lula e linchada. Não estaria aqui agora. Me abriguei na barraca e comecei a fazer a mega-salada numa bacia dessas de duas pessoas tomarem banho. Foi a minha salvação. Dali eu só saíra direto p’ro trem. Quando liberou a comida, eu fiquei escondida atrás da salada e, mesmo assim, achei que ia ser pisoteada e esmagada. Na hora do parabéns, dona X olhou p’ra mim e antes que ela me chamasse, eu aproveitei a multidão e me mandei. No caminho, tirei o lenço da cabeça e joguei o avental de cozinheira sobre a camisa da seleção. Cheguei sã e salva em casa, muito assustada mas aliviada. Das coisas que fiz naquele dia, a melhor foi o EMPADÃO DE PALMITO. Segue a receita.

INGREDIENTES: palmito picado [um vidro]; azeite [duas colheres de sopa]; alho picado [dois dentes]; cebola picada [uma]; azeitonas verdes picadas [50g]; tomate sem pele picado [um]; tablete de caldo [um]; água [meia xícara]; leite [meia xícara]; farinha de trigo [duas colheres de sopa]; Salsinha; requeijão [meio copo]; queijo ralado [100 gramas]; farinha de trigo [meio quilo]; gordura vegetal [250g]; Sal; guaraná [250 ml]; gema [uma]. **PREPARO:** Refogue no azeite: alho, cebola, palmito, tomate, azeitonas. Misture água e caldo [5 minutos], depois o leite, ferva e misture a farinha de uma vez. Mexa rapidamente até soltar da panela, retire do fogo e misture a salsinha. Misture, farinha, gordura, sal, queijo e guaraná [aos poucos]. Forre a forma e coloque o recheio [frio], requeijão e queijo ralado. Cubra com o resto da massa, pincele a gema e leve ao forno quente até dourar [aprox. 30 min.] ■ ■ ■

OBS. Estou em casa....

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.